

Inclusão escolar na EMEF professor João Gioca de Moraes

Floripes Ester Ferreira Bueno dos Santos

florbueno024@gmail.com

Faculdade Tecnologia Paulista

RESUMO: O presente artigo reúne dados resultantes da pesquisa de campo, inerente a inclusão escolar de pessoas portadoras de DV, DS e DM, na EMEF (Escola Municipal de Ensino Fundamental), professor João Gioca de Moraes, na localidade de Duartina/ SP, onde coletei dados junto aos realizado através de observações e entrevistas envolvendo professores, pais, alunos, membros do Conselho escolar, diretor e comunidade local. É importante evidenciar que todas as observações que fiz inicialmente, foram confirmadas pelas pessoas que fizeram parte desta pesquisa e, em momento algum, receberam interferências, ou até mesmo, tenham sido induzidas por parte desta pesquisadora, uma vez que, uma das metas a ser alcançada era obter resultados reais das concepções individualizadas e vividas por eles (atores) na EMEF João Gioca de Moraes, no que diz respeito a inclusão escolar dos alunos portadores de DV, DS e DM, naquela escola. Objetivo seguinte foi buscar compreender como os docentes daquele estabelecimento de ensino, recepcionam alunos, de que forma abordam o conteúdo, quais os materiais didáticos utilizados, quais outros recursos existem voltados para esses alunos especiais e quais as formas que estão sendo utilizados tais recursos e materiais, se é que existem, quais as dificuldades que esses profissionais enfrentam, se eles(profissionais) são habilitados na área, isto é, se possuem formação específica e como vem sendo utilizada a metodologia em sala de aula para que esses alunos recebam uma educação de qualidade e que aprendam com prazer e não por obrigação.

Palavras-chave: Formação, dificuldades, metodologia e inclusão.

1. INTRODUÇÃO

A legislação brasileira garante que todos os indivíduos que possuem algum tipo de deficiência têm direitos garantidos, inclusive na educação para que assegure uma qualidade de vida melhor e que suas vidas possam contribuir para se tornarem pessoas relativamente mais próximas do dia-a-dia de uma pessoa sem deficiência, incluindo os surdos, os mudos e os cegos pois, sabemos nós que devido a essa deficiência, para eles(as), há uma maior dificuldade de realizar tarefas simples, cm: leitura, escrita, comunicação, socialização e compreensão de fatores e objetos abstratos. Tais quesitos levaram-me a buscar explicações e esclarecimentos, junto a EMEF João Gioca de Moraes, para justamente realizar uma análise como estão sendo tratados os portadores de DV, DS e DM nessa instituição escolar e, como de fato esses alunos especiais são vistos e acolhidos no processo de inclusão escolar.

A inclusão escolar objetiva introduzir a pessoa portadora de deficiência no sistema de ensino privado ou público, dando suporte para que a aprendizagem aconteça de uma forma igualitária e respeitosa, dando ênfase, sobre tudo no que tange a qualidade de ensino a ser aplicada para esses indivíduos, assim como, no que diz respeito a sensibilização da sociedade como um todo. Neste sentido, faz-se necessário a capacitação dos profissionais, isto porque permitirá uma nova percepção com conhecimento sobre as limitações enfrentadas por indivíduos com deficiência.

O processo de inclusão escolar, segundo Albres (2005), atendimento escolar especial às pessoas deficientes teve seu início, no Brasil na década de cinquenta do século XIX. A primeira escola de surdos no Brasil foi criada pela Lei nº839, de 26 de setembro de 1857, por Dom Pedro II no Rio de Janeiro, o Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, voltado para a educação literária e ensino profissionalizante de meninos com idade entre 7 e 14 anos; teve como primeiro professor Ernesto Huet, cidadão surdo, este era francês, trouxe a língua de sinais francesa.

Para Goldfeld (2009), segue a tendência mundial e estabelece o oralismo puro, como filosofia da educação, entretanto, a língua dos sinais sobreviveu na sala de aula até 1957, a partir desta data foi proibido qualquer tipo de uso, mesmo informal, da Libras, impedindo até mesmo o contato de alunos mais velhos com os mais novos. Mesmo com essa proibição, clandestinamente muitos professores e ex-alunos que frequentam bastante o instituto, construíram focos de resistências e manutenção da Libras.

Um dos principais documentos mundiais que visam a inclusão social é a Declaração de Salamanca pois, orienta que as escolas se ajustem às necessidades de todos os alunos. Dados da Unesco (1994), dizem que:

- “- As escolas devem acolher todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras;
- Toda criança possui características, interesses, habilidades e necessidades que são únicas;
- Sistemas educacionais deveriam ser designados e programas educacionais deveriam ser implementados no sentido de se levar em conta a vasta diversidade de tais características e necessidades;
- Aqueles com necessidades educacionais especiais devem ter acesso escolar regular, que deveriam acomodá-los dentro de uma pedagogia centrada na criança, capaz de satisfazer tais necessidades;
- Escolas regulares que possuam tal orientação inclusiva, constituem os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias criando-se comunidades acolhedoras, construindo uma sociedade inclusiva e alcançando educação

para todos; além disso, tais escolas provêm uma educação efetiva a maioria das crianças e aprimoram a eficiência e, em última instância, o custo da eficiência de todo o sistema educacional.” (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994).

Em consideração a declaração de direitos humanos, a constituição brasileira de 1969, cria a seguinte lei:

“Título IV: DA FAMÍLIA, DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA: Atr. 176- educação é direito de todos e será dada no lar e na escola assegurando a igualdade de oportunidade.”

Entendo, portanto, que o processo de inclusão educacional e social é assegurado por várias leis nacionais e internacionais. Mas, na EMEF João Gioca de Moraes, de detectei que a inclusão escolar não vem ocorrendo de maneira adequada.

2. PESQUISA

A pesquisa foi realizada na EMEF João Gioca de Moraes, que é localizada em Duartina-SP.

A escola possui 248 alunos, regularmente matriculados do 1° ao 5° ano, distribuídos em dois turnos, manhã e tarde, é composto por quatro sala de aulas, uma sala para secretaria e a cozinha. É uma instituição pública municipal que segundo os docentes, oferece aos educandos pressupostos básicos relacionados as questões étnicas e morais. Também, afirmaram possuem condições para trabalharem com alunos nas modalidades especial e regular, mas é necessário evidenciar que as especificidades DM (deficiente mental) e DV (deficiente visual), neste ano em curso 2013, não estão funcionando uma vez que, não houve alunos, portanto, a escola objeto de pesquisa, conta somente com dois alunos portadores de DA (deficiente auditivo).

É importante salientar que a EMEF João Gioca, segundo minha observação, não está preparada para receber e, nem tampouco, para trabalhar com alunos surdos,

independente ao grau de surdez, seja leve ou moderada ou severa ou profunda pois, não possui projeto, não possui espaço adequado, não possui profissionais qualificados, inerentes a educação de surdos.

Esta pesquisa foi alicerça, a priori, em levantamento de dados bibliográficos, onde destacam-se os autores Goldfeld (2009), Perlin (1998) e Skiliar (1999), que grafam sobre educação de indivíduos com deficiência e buscam mostrar a importância da inclusão escolar e inclusão social das mesmas.

3. COMO SE DÁ A EDUCAÇÃO DE SURDOS NA EMEF JOÃO GIOCA?

Mostrarei os problemas encontrados na escola objeto de estudo. O professor titular da turma onde estudam os dois alunos especiais (surdos), não possui formação na área logo conhece muito pouco com relação ao trabalho com Libras, a escola não possui espaço físico adequado, nem materiais básicos, tais como: jogos, figuras em tamanho necessário, televisão e DVD.

Os alunos surdos assistem aula junto com outros alunos que não possuem deficiências, mas detectei que os alunos surdos são tratados pelos colegas como pessoas diferentes, isto ficou evidenciado na hora do intervalo pois, os dois alunos especiais não saem da sala, merendam na sua própria carteira e ficam alheios as brincadeiras e a socialização para com os colegas. Tais fatores, me levaram a compreender que naquela escola ainda falta muito para esses alunos especiais sejam aceitos colegas, mas também, entendo que urgentemente tem que haver uma preparação tanto para o corpo docente quanto para o corpo discente dessa escola, inclusive que a escola se prepare para ministrar aulas inclusivas de qualidade para o ano 2014, para assim contribuir para uma melhor e rápida readaptação nas salas regulares.

Com relação ao aproveitamento escolar dos alunos especiais na EMEF João Gioca de Moraes, em uma turma regular todos professores entrevistados, comungam com o pensamento que esses alunos especiais poderão sim, alcançar um bom

aproveitamento, aliás, palavras dos entrevistados, aproveitamento tão bom quanto a um aluno comum mas, ressaltam que seria necessário um melhor comprometimento de todos os professores dessa classe regular, para com esses alunos surdos e, que esses educadores busquem uma qualificação adequada.

É necessário esclarecer, que de maneira geral, parte dos alunos apresentam dificuldades na aprendizagem, por inúmeros fatores existente na EMEF João Gioca mas, os mais prejudicados são dois alunos surdos que não tem a audição capaz de compreender o que o professor estar repassando, tudo isso em função da falta de preparação do mesmo.

4. ANÁLISES DA OBSERVAÇÃO EM SALA

Os resultados alcançados foram frutos da entrevista e, também, de minha observação, levando em consideração a forma que o professor ministra suas atividades, sua conduta em sala, como o educador visualiza o aluno especial, forma de trabalho, forma de tratamento, metodologia empregada, dificuldades encontradas, resultado atingido e, com esse docente se vê no processo de inclusão social.

Na EMEF João Gioca, todas as quatro salas possuem espaço da mesma metragem, portanto não existe uma sala propícia para receber alunos especiais, o banheiro é externo, na sala de aula não existem materiais específicos para alunos surdos, na escola existe na secretaria somente um alfabeto em Libras e braile.

No capítulo anterior evidenciei que os professores não possuem formação na área especial e, falei da dificuldade de relacionamento para com os alunos especiais e, falei sobre a falta de materiais específicos para deficientes auditivos e visuais. Pergunto. Será que estão sendo utilizadas nas salas onde estudam os dos alunos surdos, metodologias adequadas pelos profissionais? Já que eles não possuem uma qualificação na área? Será que essa falta de afinidade, respeito, carinho, amor, não vem prejudicando o aprendizado dos dois alunos? Será que a falta de materiais

específico não leva o professor trabalhar na forma do faz de conta? Será que o processo de inclusão está mesmo ocorrendo na EMEF João Gioca? Será que o gestor municipal juntamente com o secretário de educação está cumprindo com o que é garantido por lei?

Para responder esses questionamentos foi necessário, entrevistar, visualizar e observar e, concluir que nada vem sendo feito porque o docente não tem domínio da linguagem dos sinais, bem que se esforçam mas barram nos limites, isto porque possuem dificuldades em transmitir mas, mesmo assim, fazem o que podem, levando, desenhos em relevo, artesanato local e outros. Por outro lado o prédio escolar não oferece condições, não há equipamentos básicos que são necessários ao aprendizado.

Segundo Mantoan (2004), o que realmente se vê hoje em dia é algo bem diferente do que rege a legislação, são poucos os que dedicam ao ensino inclusivo e a prática adequada do ensino do aluno deficiente no dia a dia. Portanto, a inclusão escolar de alunos com deficiência é uma crescente tendência. Mas, o que observei na EMEF João Gioca, no que diz respeito a inclusão escolar, não corresponde o que é garantido na legislação brasileira.

De acordo com os docentes da turma onde estudam os dois alunos com DA eles (professores) afirmam que as notas dos mesmos ficam entre 6,0 e 100, portanto, segundo eles, está havendo aprendizado em conformidade as suas expectativas, isto porque a nota base é 50. O sistema de avaliação é o mesmo para toda a turma. E os quesitos principais são: frequência, participação nas atividades e comportamentos além, é claro, da avaliação propriamente dita.

Segundo aos professores entrevistados, eles acreditam estarem fazendo um bom trabalho devido as notas obtidas pelos alunos no DA e pela percepção de conhecimento que os alunos têm. Porém, é unanime entre os docentes da EMEF

João Gioca de Moraes de que para eles terem condições melhores de trabalho junto a turma a com alunos especiais, há necessidade de curso de formação, materiais didáticos específicos, biblioteca, espaço geográfico melhor, projeto específico, planejamento e investimento para assim atingir um estudo de qualidade, isto portanto faz com que eles reconheçam que ainda há muito por fazer.

Segundo Coelho (2006), afirma que:

“Os alunos demonstram interesse e curiosidade nos resultados, onde viram acontecer na prática o que até então só se tinha visto em teoria”. (Coelho, 2006).

A esta conclusão eu cheguei, quando observei que um dos professores da EMEF João Gioca de Moraes, mesmo com toda dificuldade, com pouquíssimos materiais consegue fazer experiências e como resultado consegue obter melhores rendimentos dos alunos surdos e torna a aula mais prazerosa.

Vale ressaltar, que para alcançar um bom rendimento escolar, tanto de um aluno portador de DA, quanto de outro aluno que não possui necessidades especiais, não se pode simplesmente depender da oralidade, que é o caso da EMEF João Gioca de Moraes, mas também de metodologias que possa, atrair atenção do aluno, por isso não basta que o professor tenha apenas o domínio da linguagem dos sinais mas sim, a aprendizagem depende de um processo somatório que mantenha um intercâmbio entre metodologia eficaz, oralidade, capacitação do educador, recurso didático, espaço físico adequado, biblioteca, relacionamento de qualidade e outros.

Entendo, portanto, que na inclusão escolar o docente tem que assumir um papel fundamental no que se refere a questão das transformações necessários dentro do estabelecimento de ensino, inclusive na própria mudança para se adequar ao meio escolar. Porque não é o aluno que deve se adaptar ao meio, mas sim, à escola oferecer transformações para que este sinta-se a vontade na sua escola.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As limitações das instituições políticas, dos gestores de escolas, dos profissionais em educação e em seus modos de pensar e agir, nos impõem a procurar formas inovadoras no campo educacional através de projetos voltados para a realidade local e projetos elaborados com a capacidade de serem aplicados dentro do espaço geográfico que temos e recursos que possuímos mas, também, projetos que busque recursos que venham de encontro aos anseios de nosso alunado de uma forma geral não somente para a grande maioria que não possui limitações. Nós, enquanto educadores que somos, temos a responsabilidade de gerar ações compromissadas para com o desenvolvimento educacional de nosso município e, o compromisso no respeito da profissão em buscar incessantemente qualificação pois, esta é fundamental para que haja uma interação entre professor-aluno-professor, facilitando no resultado do ensino-aprendizagem. Essa concepção de melhorias deve ser trabalhada no sentido de melhorar o relacionamento no ambiente escolar, no sentido de garantir a integridade física e moral de cada ator envolvido no processo educacional, propor um ensino de qualidade e, pôr em prática o direito a educação a todos, independentemente de condições sociais, cor, raça, credo e/ou deficiência pois, esses direitos já são garantidos por lei, mas não estão sendo respeitados.

A sociedade atual, encontra-se alicerçada em tecnologias de ponta, na era digital, onde o formato original dos livros, quase sempre são dispensados, na modernização no modo de agir e pensar, somos marcados pelo consumismo, onde quase sempre opinamos pelo individualismo e pela globalização. Mas, lamentavelmente ainda nos deparamos, municípios, com escolas, que em pleno século XXI, ainda está engatinhando pelo processo de discussão, no que diz respeito, a implementação do Projeto voltado para Inclusão escolar. O pior é que parte dos educadores defendem a ideia de que alunos surdos ou portadores de outras deficiências, terão que

estudarem em salas de educação especial e somente com colegas especiais e em horários diferentes de outros alunos.

É obvio que na EMEF João Gioca de Moraes, encontramos também, profissionais que pensam de forma diferente, ou seja, são docentes que acreditam Inclusão escolar e defendem uma inclusão escolar regular a partir do próximo ano, até porque, segundo eles, já estarão instalados em um novo espaço físico e, também, estão promovendo reuniões para com a comunidade local, onde locam a forma, a eficácia e a importância da Inclusão escolar regular para a população, é o que eles (educadores) da EMEF João Gioca, chamam de conscientização em grupo e, também, estão preocupados para com a formação e qualificação de todos os profissionais que irão ministrar as aulas de diferentes disciplinas, assim como a preparação do pessoal de apoio.

Ficou comprovado nesta pesquisa na EMEF João Gioca de Moraes, que não há disponibilização de recursos e incentivos externos, somados com outros fatores negativos, o resultado é abaixo do que é garantido por lei, aliás se é que posso afirmar que na referida escola há inclusão escolar, posso dizer-lhes, sem sobra de dúvidas, que ocorreu uma grande estagnação ou, até mesmo, uma desmobilização natural das coisas por parte de atores envolvidos no embate político do município porém, em momento algum, segundo os entrevistados, a escola deixou de matricular alunos portadores de deficiência mas, só recentemente, acredito até que o foi após o início desta pesquisa, que ocorreram discussões voltadas para o tema, foram promovidos debates na comunidade, buscando resolver da melhor forma possível a implementação da Inclusão escolar naquela escola.

Segundo alguns depoimentos que irei chamar neste trabalho de Professor A, porque preferiu não ser identificado, talvez por ser contratado ou quiçá por querer ir contra alguns colegas de trabalho, sei lá, o que o levou a não querer ser identificado, mas, importante é sua fala e frisou com muita propriedade e segurança;

“-Apenas no início de cada ano há uma convocação para uma reunião para ser discutido sobre o Planejamento, lá eles (?) dizem que é interessante a elaboração de um plano voltado para a Inclusão escolar mas, tudo fica naquela conversa porque nem o plano acontece pois, eles (?) dizem que chamarão para uma reunião escola por escola e, cada instituição irá elaborar seu plano obedecendo suas especificidades mas, fica somente nisso, uma vez que, não mais somos chamados e, nem tampouco, os recursos para a Inclusão escolar são destinados”.

-Nem mesmo algum treinamento de qualidade se recebe
As vezes ocorrem algumas palestras, mas muito superficialmente.

Para Mantoan (2004), a prática do ensino para alunos com deficiência só deve vir depois de treinamento adequado e uso de uma metodologia que venha a suprir com a necessidade dos alunos surdos. Então, vejo que a escola onde este trabalho foi pesquisado é notadamente sabido que não houve uma preparação adequada aos profissionais que trabalham com esses alunos.

Portanto, para que haja sucesso na verdadeira implantação da Inclusão escolar na EMEF João Gioca de Moraes, ela deverá obedecer a alguns critérios: intercâmbio entre escola-família-sociedade externa, uma vez que, os alunos especiais estão alijados do processo de socialização, desse importante convívio escolar que ocorre diuturnamente nomeio estudantil, falta também, pôr parte da escola como um todo, atenção, afeto, amor, carinho e respeito para com os portadores de deficiência. A ausência de tais fatores, implica na exclusão social, por isso a permanência deles, o tempo todo em sala de aula, mesmo na hora do intervalo, foi escrito anteriormente neste trabalho.

O trabalho com todos os discentes, docentes e funcionários, no que tange a questão de informação e formação, se for o caso, antes da implementação da Inclusão escolar, é de suma importância e, também, a participação de pais e/ou responsáveis

de todo aluno da escola pois, esse intercâmbio fará com que haja uma conscientização entre todos e, futuramente aconteça uma transformação no ambiente escolar, tornando-o mais agradável e saudável a todos.

Tive a oportunidade de observar que os alunos especiais são os que mais sofrem com essa ausência de afeto, afinidade, aproximação. Percebe-se que os mesmos sempre que recebem um olhar afetivo, um sorriso contagiante, um alô marcante, estão prontos a retribuir da mesma forma e, além do mais, ficam mais felizes e satisfeitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COELHO, A. L.; Souza, M.O.; Viana, L.U.; Diógenes, P.M.; Júnior, Nascimento, **Aulas Práticas De Ciências para Alunos Surdos**, SIMPEQUI, 2006, disponível em: <https://www.abq.org.br> acesso em 20 out. 2013.

GOLDFELD, Márcia. **A criança Surda: Linguagem e Cognição numa perspectiva sócio - interacionista**. São Paulo: Plexus, 2009. p. 32 a 34. Disponível em <http://editora-arara-azul.com.br/novoeaa/revista/?p=591> acesso em 30 de set. 2013;

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo, Editora Moderna, 2004, p.74 a 96, disponível em: [http://www.google.com.br/url?](http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=0CDUQFjAB&url=http%3A%2F%2Fwww.ueginhumas.com%2Frevelli%2Frevelli5%2Fnumero3_n1%2Frevelli.v3.n1.art01.pdf)

[sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=0CDUQFjAB&url=http%3A%2F%2Fwww.ueginhumas.com%2Frevelli%2Frevelli5%2Fnumero3_n1%2Frevelli.v3.n1.art01.pdf](http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=0CDUQFjAB&url=http%3A%2F%2Fwww.ueginhumas.com%2Frevelli%2Frevelli5%2Fnumero3_n1%2Frevelli.v3.n1.art01.pdf) acesso em 11 out. 2013.